

BRASÍLIA QUE ME CRIOU

Uma história de admiração

O professor aposentado da UnB José Carlos Coutinho chegou a Brasília em 1968 para estudar e, quase seis décadas depois, declara seu carinho pela cidade

» LETÍCIA GUEDES

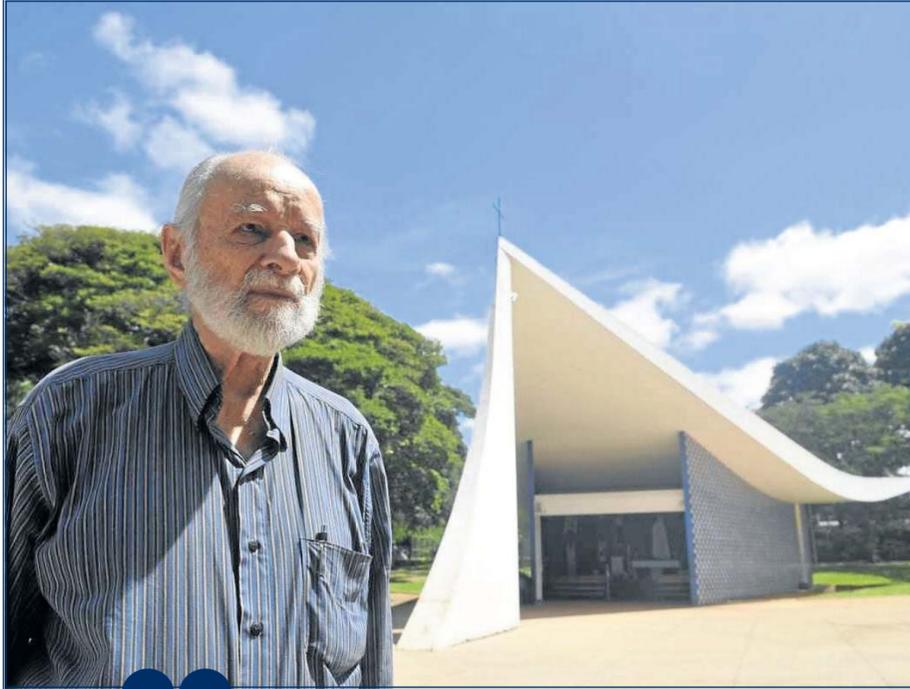
José Carlos Coutinho pisou em solo brasileiro pela primeira vez aos 33 anos, em 1968. Formado em arquitetura pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UFRGS), chegou à capital para estudar. Inicialmente, os planos eram de fazer um curso por seis meses, mas, despretensiosamente, o semestre foi convertido em quase seis décadas.

Encantado pelas singularidades de Brasília, o arquiteto recém-formado se jogou na experiência desafiadora de viver no Plano Piloto e tornou-se brasileiro de coração. “Eu estava predestinado a este lugar. Acompanhei a construção de Brasília por meio de publicações profissionais e recebi a notícia da vitória de Lucio Costa enquanto estava numa excursão de estudantes de arquitetura, em Roma.” O arquiteto conta que, quando soube da vitória, ficou ainda mais entusiasmado e ansioso para conhecer a arquitetura da capital.

Ainda na faculdade, já era entusiasta de Brasília. Aprendeu, de longe, com a construção. “Os debates gerados a partir da nova capital foram fundamentais para minha vida profissional e existencial. Eu sou produto da Universidade de Brasília, profissionalmente e intelectualmente, embora deva muito à UFRGS”, diz, deixando um apelo para que a juventude brasileira, que amadurece agora, se responsabilize pela cidade e conserve cada espaço que há de valioso espalhado pelo quadrado.

“Embora eu continue amando Porto Alegre, adotei esta cidade como minha. Eu me comprometi com Brasília e me sinto comprometido até a medula”, diz. José Carlos confidencia, inclusive, que o seu desejo é ser recolhido ao cemitério Campo da Esperança.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Embora eu continue amando Porto Alegre, adotei esta cidade como minha. Eu me comprometi com Brasília e me sinto comprometido até a medula

José Carlos Coutinho, arquiteto



Pretende habitar eternamente a cidade da arquitetura grandiosa.

Legado a ser preservado

Brasília o impactou desde o primeiro momento, ainda que fosse composta por poucas quadras. José Carlos confessa que, para ele,

Brasília é uma cidade que cativa. “As pessoas chegam cheias de preconceitos, cheias de expectativas e de temores, mas, à medida que se deixam cativar por Brasília, nutrem uma grande paixão”, destaca, lembrando que com ele foi exatamente assim.

Questionado acerca dos lugares que mais o cativam, responde prontamente que é um admirador dos traços que formam a Rodoviária do Plano Piloto. “É realmente um projeto à parte, todo mundo cita o Palácio da Alvorada, mas ninguém vê o projeto genial do Lucio Costa. A

rodoviária se situa na fronteira da arquitetura e do urbanismo, é ela quem faz funcionar. É uma obra notável de arquitetura, com uma belíssima estrutura que abriga um espaço grandioso”, pontua. “Brasília é, sem dúvidas, um êxito internacional, uma conquista do urbanismo moderno”, afirma o arquiteto, enquanto observa a tradicional Igreja Nossa Senhora de Fátima, onde concedeu a entrevista.

Para o especialista, Brasília precisa, agora, de um sistema de planejamento moderno e uma atualização permanente, para além de viadutos que, em suas palavras, não são capazes de resolver os problemas urbanos da cidade. “É preciso pensar no crescimento e na distribuição da população. Há problemas que são previsíveis e os emergentes precisam receber atenção imediata”, ensina.

O professor acredita ser essencial que as testemunhas das transformações pelas quais a cidade passa as levem às próximas gerações. “Eu gosto sempre de chamar a atenção para um lugar que é um dos mais belos de Brasília e é tratado como uma dádiva da natureza: o Lago Paranoá. Foi, no entanto, concepção de um homem que aqui esteve antes da construção de Brasília, o grande paisagista e botânico francês Augusto Glaziou. Esse nome não pode ser esquecido. Essa história deve ser ensinada nas escolas, os nomes devem ser passados às novas gerações”, pontua.

“É nosso dever preservar aquilo que representou avanços em relação ao urbanismo. Hoje, nós assistimos com muito temor a essa sanha do desenvolvimento imobiliário da cidade, que vai devorando os valores e testemunhos materiais dessa grande conquista arquitetônica.”

Reconhecimento de JK

» LETÍCIA MOUHAMAD

“Meu pai compartilhava muitos relatos sobre a efervescência do canteiro de obras, sempre numa atmosfera de ‘fiz parte dessa história’. Foi esse sentimento que ele carregou até o último dia de sua vida com muito orgulho.” O relato é de Rosângela Almeida Vieira, 58 anos, filha de João Benedito da Silva, um dos tantos operários que trabalhou na construção de Brasília. Além dos ensinamentos e experiências, o pioneiro deixou uma relíquia para a família: uma carta de Juscelino Kubitschek escrita de próprio punho, na qual o então presidente reconhecia o esforço e o apoio de todos os trabalhadores que fizeram parte desse processo.

“Ao aproximar-se o término do meu mandato, venho manifestar-lhe, de modo especial, o meu reconhecimento pelo seu patriótico apoio à luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional”, escreveu JK, no primeiro parágrafo.

“Esse ato foi razão de tanto orgulho para meu pai. O presidente encerrou o mandato em clima de paz, ordem, prosperidade e respeito a todas as prerrogativas constitucionais, legado que ficou impregnado no meu pai enquanto cidadão e pessoa. Foi o que ele, ao conhecer e casar-se com minha mãe, trouxe para a família”, conta Rosângela.

Antes de pisar na terra vermelha do Cerrado, João Benedito, que

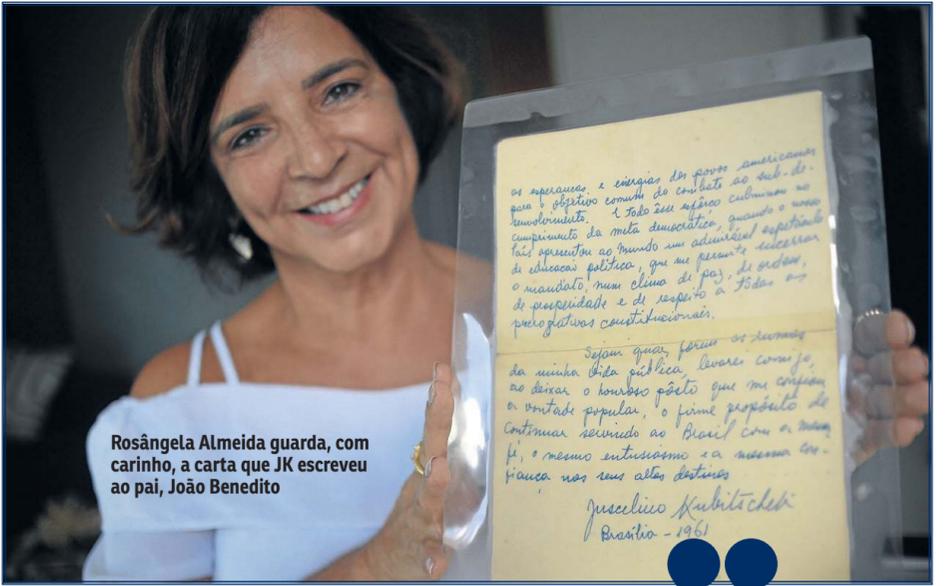
nasceu em Pilar, na Paraíba, passou por Recife e Rio de Janeiro, em busca de uma vida melhor. Na então capital do país, foi ajudante de pedreiro e, em uma das firmas de construção em que trabalhou, recebeu o convite para ir ao Planalto Central atuar na empreitada da construção. Aqui chegou em 1958, em um pau de arara, disposto a levantar prédios e a traçar seu futuro. Tinha 27 anos e morava onde hoje localiza-se a Candangolândia.

“Quando ele chegou havia apenas Cerrado e um formigueiro de pessoas trabalhando. Eu me lembro de ele falar das obras serem tão intensas que qualquer problema era rapidamente resolvido. Nada parava a construção. Também dizia que aquela atmosfera, fundamentada em um único propósito, fazia com que as pessoas se unissem e trabalhassem com empenho”, relatou a filha. Em dois anos, João se mudou para Ceilândia e foi contratado pela Novacap como funcionário público. Casou-se em agosto de 1961 e teve 10 filhos, os quais levava para ver o crescimento da cidade. Daí o carinho da família pela história e pelo legado da capital.

“Ouvi e vivi”

“Ando por lugares que me marcaram e onde também deixei minha marca. Toda vez que passo pelo Parque da Cidade, por exemplo, lembro de uma árvore que plantei lá ainda

Ed Alves/CB/DA.Press



Rosângela Almeida guarda, com carinho, a carta que JK escreveu ao pai, João Benedito

João Benedito, o pioneiro era um leitor assíduo, inclusive, do Correio Braziliense, jornal do qual era assinante



Arquivo pessoal

criança, em um passeio de escola, quando ainda estavam arborizando o espaço. Muitas histórias não apenas ouvimos do meu pai, como também vivemos”, diz Rosângela, atualmente moradora de Águas Claras. Em meados de 1969, o patriarca levava as crianças para colher

cajuzinho-do-cerrado, lembrança que desperta a memória afetiva do momento em família. “Era uma festa, porque a gente adentrava a mata para pegar esses cajuzinhos e, chegando em casa, mamãe fazia um doce de caju daqueles”, recorda-se. Para a professora, apesar dos

desafios enfrentados pela cidade atualmente, ainda existe a simbologia da esperança, cultivada antes mesmo da inauguração. “Acredito que, como filhos de Brasília, estamos atentos para defender a cidade que nos criou e para desejar o melhor a ela”, conclui a filha de João Benedito.

Ando por lugares que me marcaram e onde também deixei minha marca. Toda vez que passo pelo Parque da Cidade, lembro de uma árvore que plantei lá ainda criança”

Rosângela Almeida Vieira, filha de João Benedito